

CONTATOS TRANSPACÍFICOS ENTRE ÁSIA E MESOAMÉRICA: UMA QUESTÃO EM ABERTO

*Antonio Porro**

PORRO, A. Contatos transpacíficos entre Ásia e Mesoamérica: uma questão em aberto. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 10: 197-209, 2000.*

RESUMO: A tese dos contatos transpacíficos entre Ásia Oriental e Mesoamérica pré-colombiana é uma das mais controversas da Arqueologia americana. Ao contrário das antigas e amadorísticas hipóteses de navegações egípcias ou fenícias, ela surgiu com status acadêmico a partir do estudo comparativo de motivos iconográficos e simbólicos semelhantes, feito a partir de 1950 por especialistas de reconhecida competência nas duas áreas. Apesar de não haver evidências históricas ou arqueológicas desses contatos, uma série significativa de elementos comuns sugere que eles tenham ocorrido em diversos momentos, durante o primeiro milênio a. C. e o primeiro d.C.

UNITERMOS: Mesoamérica: Arqueologia – Ásia oriental: Arqueologia – Pacífico: navegações, difusão cultural.

A necessidade de recorrer a hipotéticas influências transoceânicas para explicar o alto grau de desenvolvimento das civilizações pré-colombianas foi sentida pelos teólogos e intelectuais europeus a partir do século 16, quando o Novo Mundo e os seus habitantes tiveram que ser inseridos na exegese bíblica e na cosmologia ocidental. Já no século 19, quando o estudo das fontes históricas e dos restos arqueológicos na bacia do Mediterrâneo e no Oriente Médio havia ganho foros de ciência (enquanto na Mesoamérica e nos Andes ainda estava pouco mais que engatinhando), foi natural procurar na antiguidade Clássica e Oriental, fosse ela egípcia, grega, fenícia ou

mesmo da Atlântida, a origem das civilizações americanas.

Tudo isso, naturalmente, é um capítulo encerrado pelos avanços da Arqueologia científica na Mesoamérica desde as últimas décadas do século 19, em grande parte resultado do trabalho de arqueólogos e instituições norte-americanas. Com a descoberta e a reconstituição das seqüências regionais de desenvolvimento que culminariam, no início da nossa Era, com as civilizações do período Clássico, foram identificados os estágios de crescimento das aldeias agrícolas do Formativo e a sua transformação em centros cerimoniais e administrativos dotados de arquitetura monumental sob a égide de elites teocráticas; foram reconhecidos os primeiros esboços de escrita e de notação calendárica que mais tarde iriam ganhar formas altamente sofisticadas para o registro de tradições míticas, religiosas, históricas e cosmológicas, bem como

(*) Doutor em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

de observações astronômicas a serviço da religião e da agricultura. Uma vez que o conjunto dessas manifestações culturais não mostrava qualquer semelhança com as do Velho Mundo, passou-se a admitir, tacitamente ou não, que as civilizações da América haviam sido o resultado de uma evolução local e independente.

Não foi alheio, diga-se, a esta concepção histórica, um certo viés “americanista” em que é possível identificar componentes ideológicos de ordem nacionalista ou “continentalista” que remetem à Doutrina de Monroe. Os pesquisadores europeus não associados a universidades americanas, seja por estarem livres daquele viés, seja pela preponderância das escolas difusionistas na Antropologia da primeira metade do século 20, estavam mais abertos a considerar a possibilidade de contatos e influências intercontinentais, mas o seu interesse e a sua atuação estavam mais voltados para a Arqueologia do Velho Mundo. Dadas essas condições, em meados do século 20 as hipóteses de contatos intercontinentais estavam virtualmente ausentes da literatura arqueológica mesoamericana, ou então eram categoricamente refutadas (cf. os compêndios clássicos de Krickeberg [1939] 1946, Morley 1946, Pijoan 1946, Spinden 1957, Vaillant [1941] 1955).

Esse estado de coisas começou a mudar por ocasião do XXIX Congresso Internacional de Americanistas (Nova Iorque, 1949), quando o sinólogo austríaco Robert von Heine-Geldern e o arqueólogo norteamericano Gordon F. Ekholm apresentaram uma contribuição sobre “Paralelos significativos nas artes simbólicas da Ásia meridional e da Mesoamérica”, acompanhada de uma exposição fotográfica que deixou surpresa e perplexa a maioria dos especialistas nas duas áreas (Heine-Geldern e Ekholm 1951). Heine-Geldern já havia feito desde a década de 30 importantes estudos sobre as influências chinesas e indochinesas nas artes da Oceania (Heine-Geldern 1937) e Ekholm, em 1946, sobre estatuetas de cerâmica (supostamente brinquedos) com rodas, procedentes de várias regiões do México. Nos anos seguintes, eles continuaram a arrolar uma série de elementos arquitetônicos, de formas escultóricas e de motivos simbólicos e decorativos das artes plásticas da

China, do sudeste asiático e da Índia, de um lado, e de várias regiões da Mesoamérica de outro. Embora reconhecendo a inexistência de dados históricos e arqueológicos a respeito, sugeriram que os inegáveis paralelismos formais teriam sido o resultado da chegada de navegantes asiáticos de mais de uma procedência e em diversas épocas, entre o primeiro milênio a.C. e o primeiro d.C. (Ekholm 1950, 1953, 1955, 1964a, 1964b, Heine-Geldern 1952, 1959a, 1959b, 1960, 1964, 1966).

O que mais chama a atenção nas semelhanças encontradas é que elas não dizem respeito, na maioria dos casos, a elementos estruturais ou funcionais, mas a motivos simbólicos e até mesmo a detalhes que podem ser simplesmente decorativos. Os mais significativos são os seguintes:

- O motivo da árvore cósmica entre os Maya e em Java;
- a postura característica do personagem sentado no trono na iconografia maya e indiana;
- os frisos com personagens entrelaçados em plantas aquáticas que brotam da boca de peixes ou monstros marinhos, no Yucatan e na Índia;
- as máscaras monstruosas da divindade desprovida de mandíbula, entre os Maya e na Indochina;
- os frisos com espirais e volutas geometrizadas em toda a área maya e em El Tajín (México) e nos bronzes chineses;
- os vasos trípedes cilíndricos com tampa de Teotihuacán (México) e do período Han da China;
- a figura humana que emerge das fauces de um sáurio ou de outra criatura monstruosa, entre os Olmecas e Mayas do México e também na Índia, Camboja e Java;
- o deus da chuva com nariz em tromba nos códices mayas e o deus-elefante Ganesa em Champa e outras partes da Índia;
- as colunas decorativas provavelmente reminiscentes da antiga arquitetura em madeira, nos palácios mayas de Labná e Sayil (Yucatan) e em Bakong e Prah Ko (Camboja).

Esses e outros paralelismos, bem como as hipóteses de contatos transpacificos sugeridas

pelos autores para explicá-los, foram recebidos com frieza pela maioria dos americanistas, que se de um lado aceitam a tese do povoamento do continente a partir da Ásia por caçadores paleoíndios, não admitem, de outro, que os contatos com a Ásia oriental tenham se repetido muito mais recentemente dando origem, ou pelo menos influenciando, o desenvolvimento das civilizações da Mesoamérica. Há nisso, ao que parece, um fator emocional (a *my tribe syndrome* já denunciada com aguda autocrítica por um etnólogo norteamericano), como se influências externas fossem reduzir a importância da sua área de estudos. Mas há também a crítica objetiva face à ausência, na América, de elementos fundamentais da tecnologia e da economia asiática como o uso do ferro, a roda, o torno de oleiro, o cavalo e o boi. Daí a prudência daqueles que preferem esperar a prova dos fatos; e além daquelas ausências, a prova ainda não apareceu. Nenhum artefato produzido na Ásia foi até hoje encontrado em contextos arqueológicos americanos e tampouco consta que materiais pré-colombianos tenham sido encontrados na Ásia (ou em qualquer outra parte do mundo) antes de 1500. Isto vale também para as coleções de museus, muitas vezes sem documentação de origem embora geralmente de procedência geográfica conhecida. O resultado disso é que, passado meio século da sua divulgação nos meios acadêmicos, os indícios de contatos culturais entre Ásia oriental e Mesoamérica continuam a ser virtualmente ignorados na maioria dos compêndios de Arqueologia da Mesoamérica (Adams 1991, Adams ed. [1977] 1989, Fiedel 1992, Hammond [1982] 1988, Sabloff 1990, Sharer 1994).

Além das semelhanças em motivos simbólicos e decorativos, outros paralelismos já haviam sido encontrados, alguns deles há muito tempo, em certas instituições, crenças, rituais e jogos dos dois lados do Pacífico. Há mais de cem anos Tylor (1879, 1896) havia comparado o *patolli*, jogo mexicano praticado num tabuleiro cruciforme que remete aos quatro pontos cardeais e ao calendário, com o *pachisi*, jogo difundido em todo o sul e leste da Ásia com características semelhantes. Graebner (1921) apontou paralelismos estruturais entre os calendários mesoamericanos e do sudeste asiático (China, Tailândia e Java). Rock (1922) analisou em detalhes

uma série de correspondências cosmológicas e iconográficas entre a China da idade do bronze (Shang-Chou) e a Mesoamérica. E ainda antes de Heine-Geldern, Marchal (1934) havia assinalado semelhanças estilísticas entre a arte Khmer do Camboja e as da Polinésia e da América.

Uma questão fundamental com que se defrontam as hipóteses de contatos transpacificos é a da cronologia. Diversos elementos e motivos artísticos comuns aos dois continentes distribuem-se ao longo de um enorme espaço de tempo, mas não parecem apresentar padrões regulares de ocorrência e cronologia relativa que dêem sustentação à tese dos contatos transpacificos. Não há espaço, aqui, para a análise e demonstração dessas semelhanças e muito menos para a discussão dos problemas cronológicos que elas envolvem; uns poucos exemplos serão porém suficientes para dar uma idéia da questão. As espirais e volutas geometrizadas dos bronzes Chou tardios (700 a 200 a.C.) têm contrapartidas quase idênticas nos baixos-relevos do Clássico médio e tardio de Tajín (Veracruz), entre 600 e 900 d.C. e nos vasos mayas de mármore encontrados no vale do rio Ulúa (Honduras), provavelmente da mesma época. Neste e em outros casos em que a ocorrência asiática é muito mais antiga que a americana foi sugerida a possibilidade, já admitida pela maioria dos arqueólogos, de que os motivos decorativos e simbólicos mesoamericanos já estivessem presentes na arquitetura e na escultura em madeira que teriam antecedido o uso da pedra e do estuque. Um caso inverso é o do estilo arquitetônico de Angkor, no Camboja, que remete inclusive funcionalmente ao do Clássico maya, mas que é pelo menos setecentos anos mais tardio do que este. Se a semelhança dos dois estilos (templos-pirâmides, escadarias, torres com rostos humanos gigantes) não for um caso de singular convergência, e uma vez que a civilização do Camboja é sabidamente resultado da colonização indiana no sudeste asiático, caberá até mesmo a hipótese, até agora só sugerida como "teoricamente concebível" (Heine-Geldern 1966), de influências mayas trazidas pelos próprios navegantes asiáticos no retorno de suas supostas expedições à América.

A tese das navegações transpacificas da Ásia para a América, vigorosamente refutada pela grande maioria dos americanistas, é fundamentada pelos seus defensores na conhecida tradição chinesa de comércio marítimo. As fontes históricas sobre a navegação chinesa de alto mar pelo oceano Índico e pelo Pacífico ocidental só recuam, na melhor das hipóteses, ao fim do primeiro milênio d.C., mas as tradições literárias chinesas fazem referência a episódios marítimos muito mais antigos, possivelmente até do século III a.C., embora geograficamente indefinidos (Ekholm 1964: 507, Heine-Geldern 1966: 293). No tocante à técnica de navegação oceânica não parece haver razões para questionar a capacitação dos marinheiros chineses; a sua influência nos arquipélagos do Pacífico ocidental durante o primeiro milênio d.C. e talvez antes já foi comprovada arqueologicamente e as navegações oceânicas dos polinésios são historicamente documentadas. A essa tradição marítima veio se somar, nos primeiros séculos da nossa Era, a expansão indiana pelo sudeste asiático continental e insular impulsionada pelo comércio de especiarias e outros produtos exóticos. (Para uma boa discussão do problema das navegações oceânicas e da possível difusão de elementos culturais na antiguidade, veja-se Jett 1971).

A partir de meados dos anos 70 os debates sobre contatos transpacificos foram esmorecendo, em parte esgotados pelo não aparecimento de provas arqueológicas, mas também devido às mudanças teóricas e programáticas da Arqueologia norte-americana a partir dos anos 80. O interesse pelos processos de longa duração e de grande escala que havia orientado tanto o difusionismo como o neoevolucionismo, e o rigoroso empirismo da Nova Arqueologia, deram lugar a novas prioridades e metodologias. Pós-processualismo, contextualismo e cognitivismo, se de um lado tiveram o mérito de denunciar certa ilusão positivista subjacente à ecologia cultural e ao neoevolucionismo, levaram de outro a minimizar a própria possibilidade de conhecimento objetivo do passado: “ a new

skepticism ... which essentially claims that we cannot learn about a past reality ... we can only create a past in ‘our image’.” (Binford 1995: 61).

Apesar de praticamente estacionária nos últimos vinte anos e ainda à espera de provas arqueológicas, a discussão sobre contatos transpacificos levou a uma melhor avaliação do problema e a relativizar uma das principais críticas que a tese recebia dos “isolacionistas”. Argumentava-se que a maioria dos padrões tecno-econômicos, das soluções arquitetônicas e urbanísticas, dos estilos cerâmicos e artísticos e mesmo das expressões de vivência religiosa das civilizações americanas já estavam documentados, em sua origem e desenvolvimento local, nos períodos Formativos da Mesoamérica e dos Andes; e que tratando-se de áreas culturais resultantes de tradições, ou co-tradições, arqueologicamente identificadas, não havia por que procurar a sua origem em supostos ou tênues indícios de influências externas (Phillips 1966). O fato é que, colocadas nesses termos, as influências asiáticas são um falso problema; o próprio caráter esporádico ou não sistêmico da presença de elementos asiáticos nas civilizações da Mesoamérica, bem como a sua aparente inserção em tradições locais pré-existentes, sugere mais, como aliás vinha sendo sugerido por Ekholm, Heine-Geldern e outros, que o caráter ocasional e limitado dos contatos transpacificos tenha tido um efeito seletivo nos empréstimos culturais, atingindo principalmente a elite em suas manifestações artísticas e religiosas. Pode-se comparar esse processo com o das influências helenísticas na arte e na iconografia budista da Índia e do Afeganistão; com o simbolismo indígena pré-colombiano nos crucifixos e nas imagens religiosas do México colonial; com os motivos heráldicos e militares europeus incorporados como elementos decorativos ao artesanato de diversas tribos africanas; ou com os floreios e o preciosismo rococó com que as índias do baixo Amazonas, no século 18 e por influência missionária, substituíram os desenhos geométricos tradicionais na decoração de suas cuias.

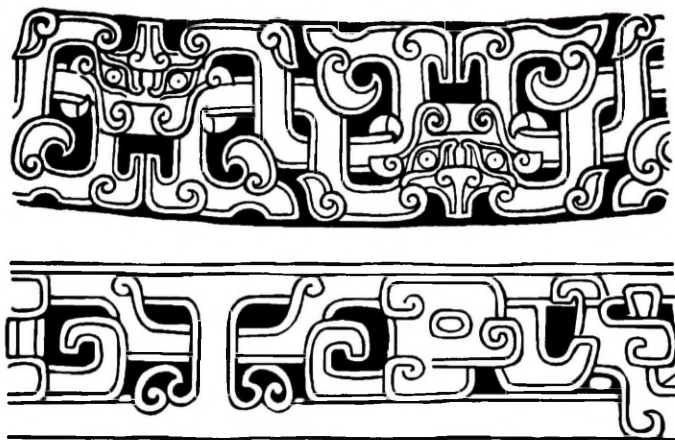


Fig.1 – Acima, desenho em vaso de bronze, Chou tardio, China. Abaixo, desenho em friso de pedra, Tajín (Veracruz), México. (Heine-Geldern 1959a: 197).

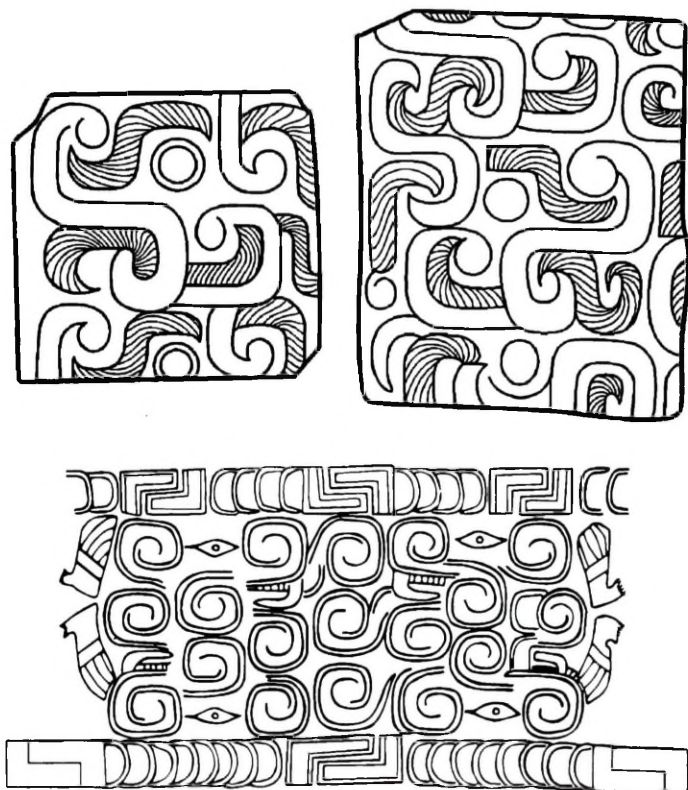


Fig. 2 – Acima, tabletas de pedra, Chou tardio, China. Abaixo, desenho em vaso de mármore, Cultura Maya, vale do Uluá, Honduras. (Heine-Geldern 1959a: 196).

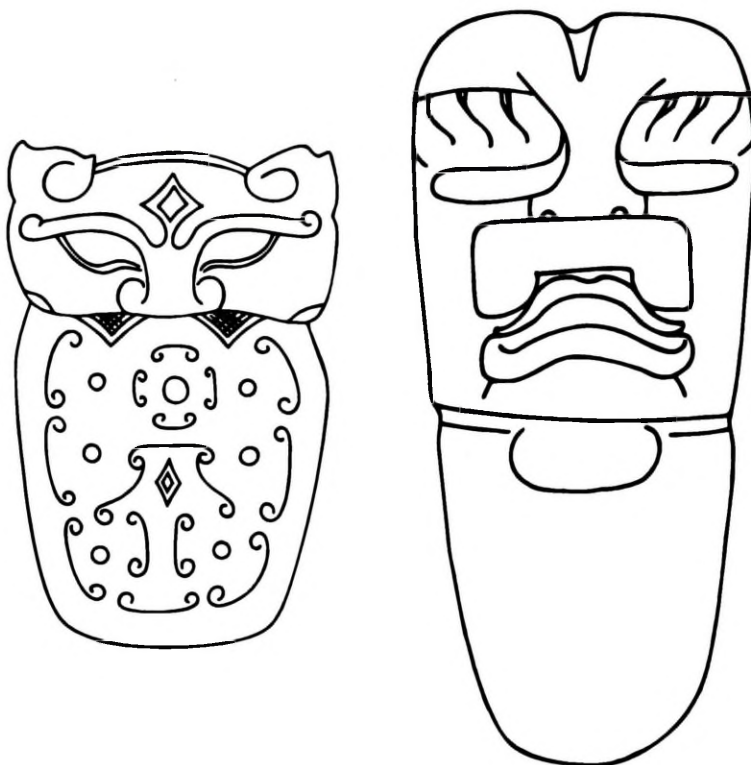


Fig. 3 – À esquerda, lâmina de jade com motivo felino, Shang, China. À direita, machado ritual de jade com divindade felina, Cultura Olmeca, La Venta (Tabasco), México. (Meggers 1975: 14-15).

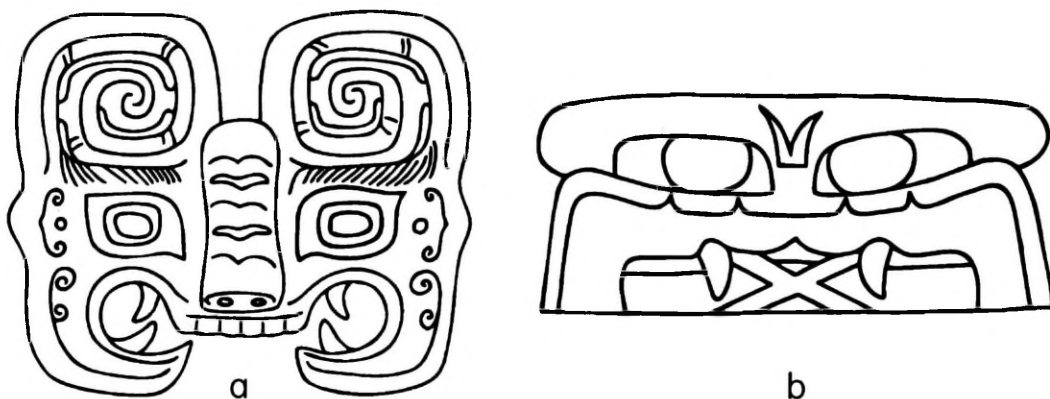


Fig. 4 – À esquerda, máscara de bronze, Shang, China. À direita, desenho gravado no altar 4, Cultura Olmeca, La Venta (Tabasco), México. (Meggers 1975: 15).

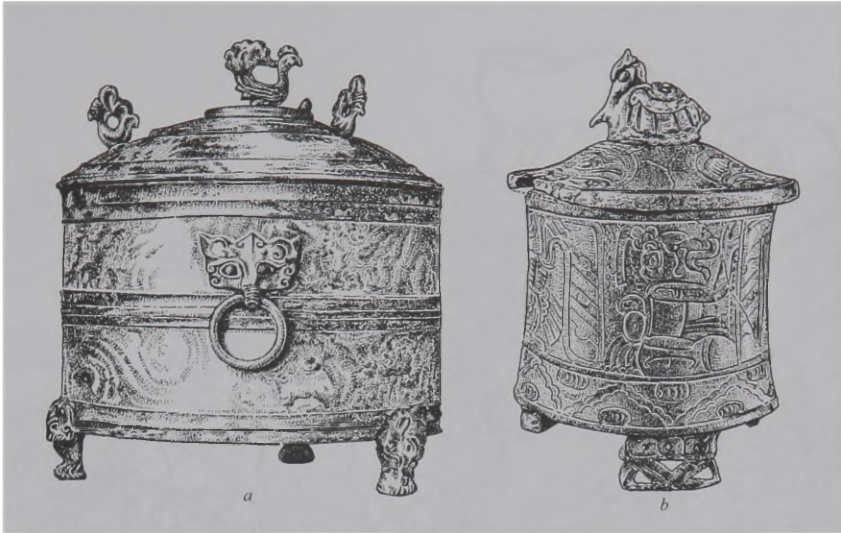


Fig. 5 – À esquerda, vaso tripode de bronze, Han, China. À direita, vaso tripode, cerâmica Maya, Tikal, Guatemala. (Ekholm 1964b: 505).



Fig. 6 – Acima, vasos tripodes de bronze, Han, China. Abaixo, vasos tripodes, cerâmica Maya, Kaminaljuyu, Guatemala. (Heine-Geldern 1959b: 208-209).

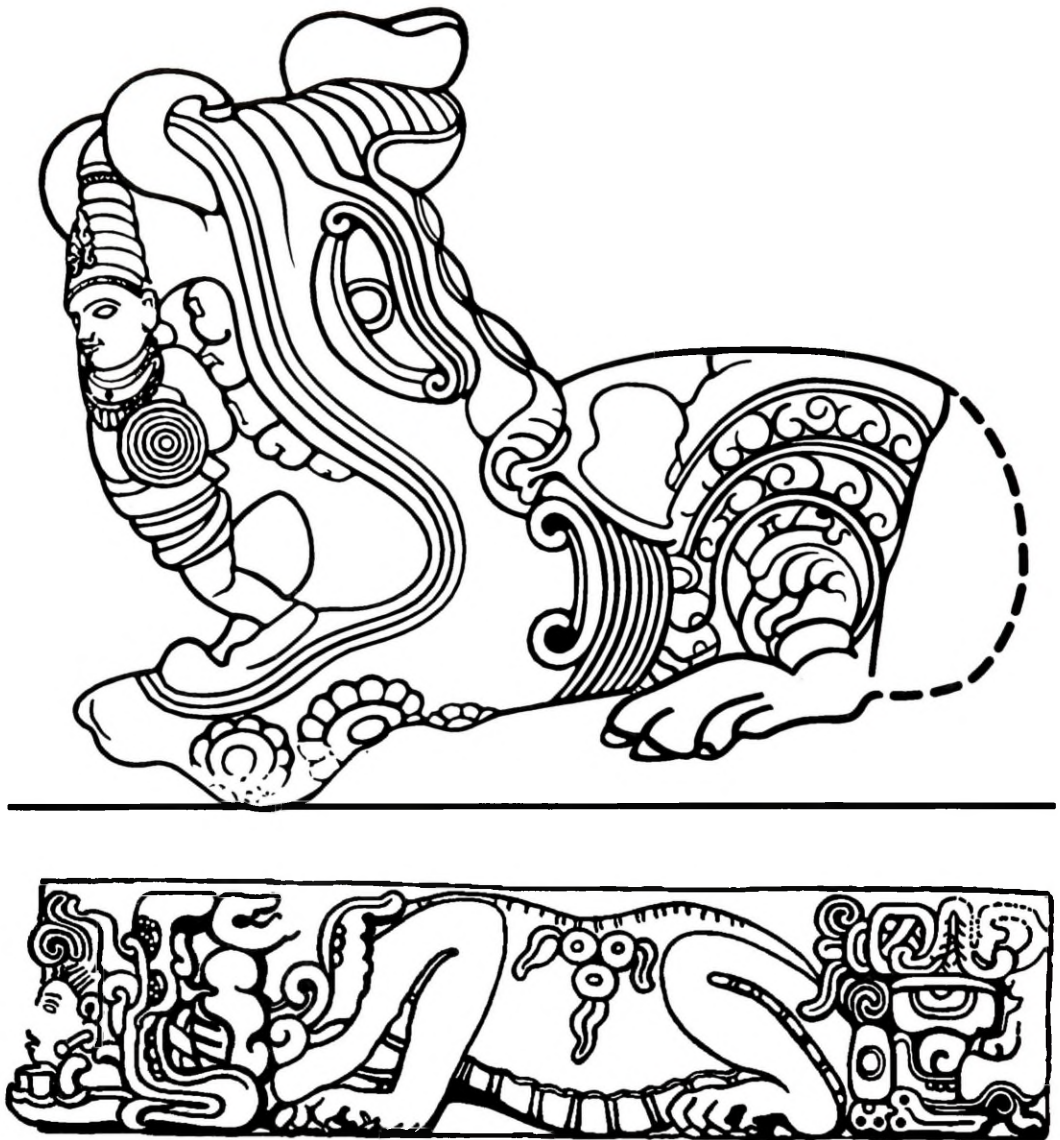


Fig. 7 – Acima, um Makara, monstro lendário que combina traços de réptil e de mamífero, de cuja boca emerge uma figura humana, Mysore, Índia. (Heine-Geldern 1964: fig. 12). Abaixo, dragão Maya de duas cabeças, com os mesmos caracteres anatômicos e uma cabeça humana saindo da sua boca anterior. Relevô de Copan, Honduras (Spinden 1957: 53).

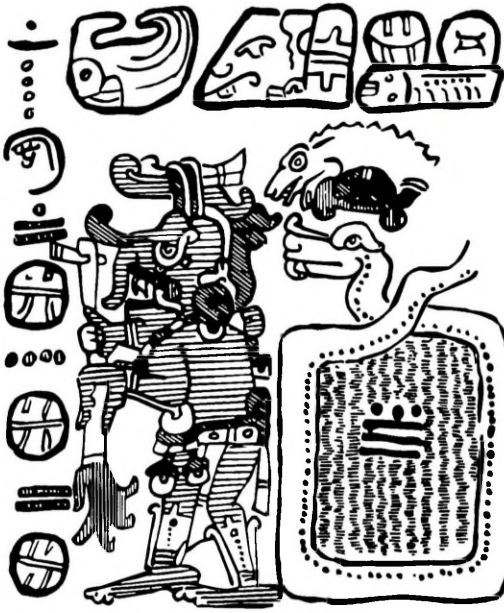


Fig. 8 – À esquerda, o deus Maya da chuva, Chac, com apêndice nasal em forma de tromba, no códice de Madri. À direita, estátua do deus Ganesa, Champa, Índia. (Heine-Geldern 1966:286).

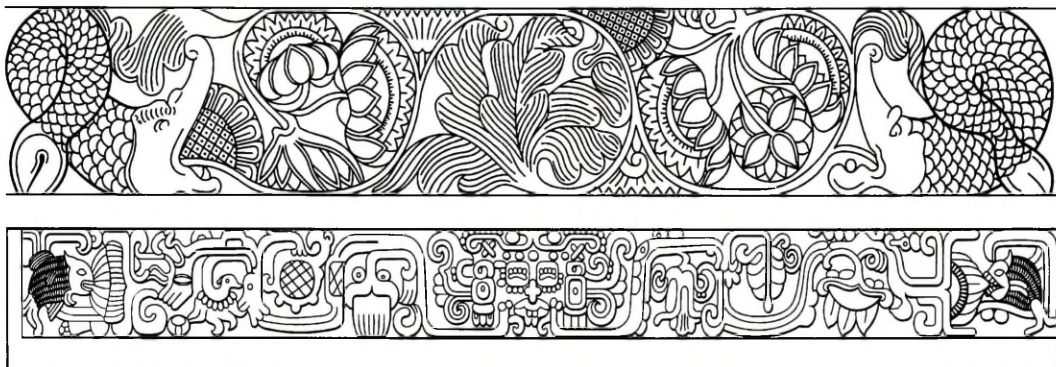


Fig. 9 – Acima, relevo, Amaravati, Índia. Abaixo, relevo, Chichen Itzá (Yucatan), México. (Heine-Geldern 1964: figs. 1, 2).

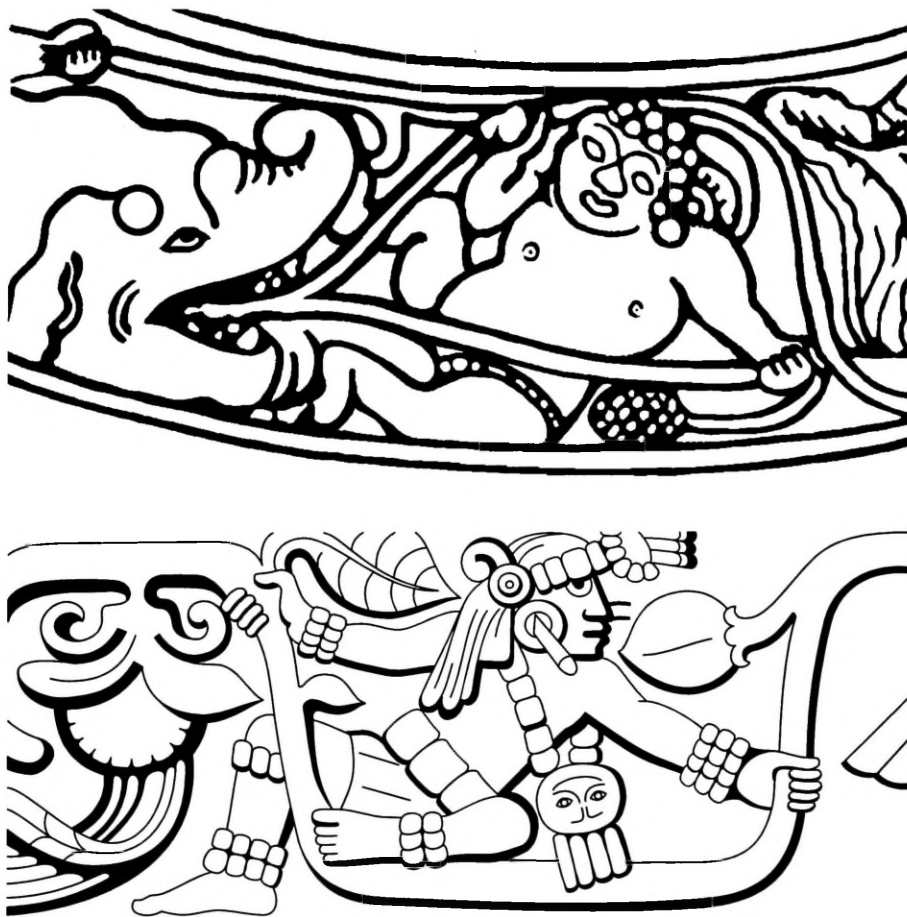


Fig. 10 – Detalhes, Amaravati e Chichen Itzá. (Heine-Geldern 1964: figs. 3,4).

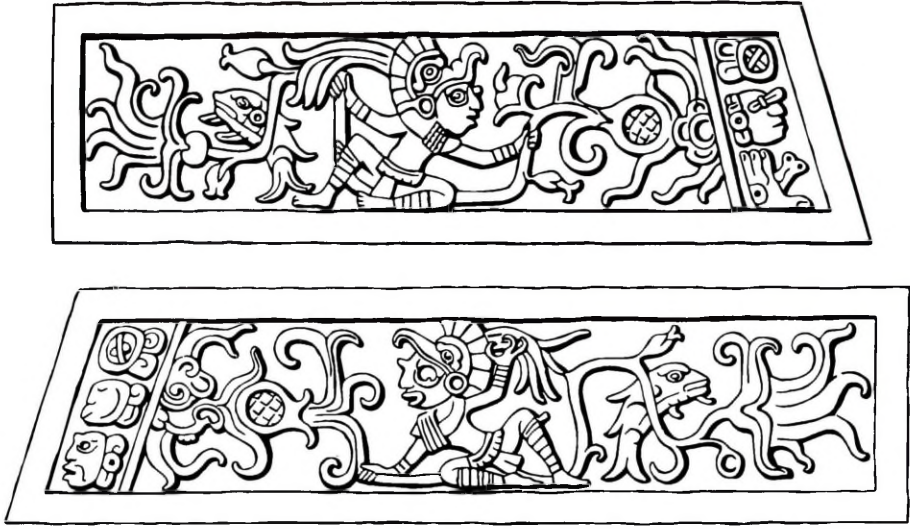


Fig. 11 – Relevo, *Templo do Anão*, Uxmal (Yucatan), México. (Heine-Geldern 1964: fig. 5).



Fig. 12 – À esquerda, um Bodhisattva sentado na característica posição com uma perna flexionada; ao seu lado, em destaque, uma flor-de-lótus. Período Pala, nordeste da Índia. À direita, baixo-relevo Maya do Clássico tardio, representando um chefe ou dignitário na mesma postura e segurando o talo de uma planta aquática. Palenque (Chiapas), México. (Ekholm 1964b: 506).

PORRO, A. Transpacific contacts between eastern Asia and precolumbian Mesoamerica: an open question. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 10: 197-209, 2000.

ABSTRACT: Transpacific contacts between eastern Asia and precolumbian Mesoamerica are one of the big controversial issues in American archaeology. Oppositely to old and amateurish ideas on Egyptian or Phoenician travels to America, it broke out with scholarly status from comparative studies of similar iconographic and symbolic traits endeavored since 1950 by specialists of both areas. Notwithstanding lack of historical and archaeological evidences of contacts, several significant common elements suggest that they took place more than once, during the first millennium B.C. and the first millennium A.D.

UNITERMS: Mesoamerica: Archaeology – Oriental Asia: Archaeology – Pacific: navigations, cultural diffusion.

Referências bibliográficas

- ADAMS, R.E.W.
1991 *Prehistoric Mesoamerica*. Univ. Oklahoma Pr.
- ADAMS, R.E.W. (Ed.)
1989 *Los orígenes de la civilización maya*.
[1977] México: FCE.
- BINFORD, L.R.
1995 The 'New Archaeology' then and now.
[1989] C.C. Lamberg-Karlovsky (Ed.) *Archaeological thought in America*. Cambridge, Cambridge Univ. Press: 50-62.
- EKHOLM, G.F.
1950 Is American Indian culture Asiatic ?
Natural History, 59: 344-351, 382.
1953 A possible focus of Asiatic influence in the late classic cultures of Mesoamerica.
Mem. Soc. Amer. Archaeol., 9: 72-89.
1955 The new orientation toward problems of Asiatic-American relationships. B.J. Meggers; C.Evans (Eds.) *New interpretations of aboriginal American culture history*. Anthr. Soc. Washington 75th Anniv. Vol.??: 95-109.
1964a Possible Chinese origin of Teotihuacan cylindrical tripod pottery and certain related traits. *Acts 35th Intern. Congr. Americanists*, Mexico, 1: 31-45.
1964b Transpacific contacts. J.D. Jennings; E. Norbeck (Eds.) *Prehistoric Man in the New World*. The Univ. of Chicago Press: 489-510.
- FIEDEL, S.F.
1992 *Prehistory of the Americas*. Cambridge: Cambridge Univ. Press.
- GRAEBNER, F.
1921 Alt-und neuweltliche Kalender. *Zeit. für Ethnol.*, 52/53: 6-37.
- HAMMOND, N.
1988 *La civilización maya*. Madrí: Istmo.
[1982]
- HEINE-GELDERN, R.
1937 L'art pré bouddique de la Chine et de l'Asie du Sud-Est et son influence en Océanie. *Révue des Arts Asiatiques*, 11: 177-206.
1952 Some problems of migration in the Pacific. ? Koppers; R. Heine-Geldern; ? Haekel (Eds.) *Kultur und Sprache. Wiener Beitrage zur Kulturgeschichte und Linguistik*, 9: 313-362.
1959a Chinese influences in Mexico and Central America: the Tajín style of Mexico and the marble vases from Honduras. *Acts 33d. Intern. Congr. Americanists* (San José, Costa Rica, 1958), 1: 195-206.
1959b Chinese influence in the pottery of Mexico, Central America, and Colombia. *Acts 33d. Intern. Congr. Americanists* (San José, Costa Rica, 1958), 1: 207-210.
1960 Theoretical considerations concerning the problem of pre-Columbian contacts between the Old World and the New. A.Wallace (Ed.) *Selected Papers 5th Intern. Congr. Anthr. Ethnol. Sciences*, Philadelphia: 277-281.
1964 Traces of Indian and southeast Asiatic Hindu-Buddhist influences in Mesoamerica. *Acts 35th Intern. Congr. Americanists*, Mexico, 1: 47-54.

- 1966 The problem of transpacific influences in Mesoamerica. R. Wauchope (Gen. Ed.) *Handbook of Middle American Indians*. Austin, Univ. Texas Press, 4: 277-295.
- HEINE-GELDERN, R.; EKHOLM, G.F.
1951 Significant Parallels in the Symbolic Art of Southern Asia and Middle America. S. Tax (Ed.) *The Civilizations of Ancient America*. Selected Papers of the XXIX Intern. Congr. Americanists. The Univ. of Chicago Press: 299-309.
- JETT, S.C.
1971 Diffusion versus Independent Development: The Bases of Controversy. ? Riley et al. (Eds.) *Man across the Sea*. Austin, Univ. Texas Press: 5-53.
- KRICKEBERG, W.
1946 *Etnologia de America*. Mexico: FCE. [1939]
- MARCHAL, H.
1934 Rapprochements entre l'art Khmer et les civilisations polynésiennes et précolombiennes. *Jour. Soc. Américanistes*, 26: 213-222.
- MEGGERS, B.J.
1975 The Transpacific Origin of Mesoamerican Civilization: A Preliminary Review of the Evidence and its Theoretical Implications. *Amer. Anthropologist*, 77: 1-27.
- MORLEY, S.G.
1946 *The Ancient Maya*. Stanford Univ. Press. Trad. esp. *La civilización maya*. México: FCE, 1947.
- PHILLIPS, Ph.
1966 The role of transpacific contacts in the development of New World pre-Columbian civilizations. R. Wauchope (Gen. Ed.) *Handbook of Middle American Indians*. Austin, Univ. Texas Press, 4: 296-315.
- PIJOÁN, J.
1946 *Summa Artis. Historia General del Arte*. Vol. X: Arte Precolombiano Mexicano y Maya. Madrid: Espasa-Calpe.
- ROCK, F.
1922 Kalender, Stern Glaube und Weltbilder der Tolteken als Zeugen verschollener Kulturbeziehungen zur Alten Welt. *Mitteilungen Anthr. Gesellschaft in Wien*, 52: 43-136.
- SABLOFF, J.A.
1990 *The New Archaeology and the Ancient Maya*. New York: Scientific American Library.
- SHARER, R.J.
1994 *The Ancient Maya*. Stanford Univ. Press.
- SPINDEN, H.J.
1957 *Maya Art and Civilization*. Indian Hills, Colorado: The Falcon's Wing Press.
- TYLOR, E.B.
1879 On the game of patolli in ancient Mexico and its probable Asiatic origin. *Journ. Anthr. Inst. Great Britain and Ireland*, 8: 116-129.
1896 On American lot-games, as evidence of Asiatic intercourse before the time of Columbus. *Internat. Archiv für Ethnog.*, Suppl. to vol. 9: 55-67.
- VAILLANT, G.C.
1955 *La civilización azteca*. México: FCE. [1941]

Recebido para publicação em 3 de novembro de 2000.